

**UNINGÁ - UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR INGÁ
FACULDADE INGÁ
CURSO DE PSICOLOGIA**

LILIAN FABIANE COELHO MAGALHÃES

**UMA COMPREENSÃO TEÓRICA A RESPEITO DO CASAMENTO
HETEROSSEXUAL NA CONTEMPORANEIDADE.**

MARINGÁ

2009

LILIAN FABIANE COELHO MAGALHÃES

**UMA COMPREENSÃO TEÓRICA A RESPEITO DO CASAMENTO
HETEROSSEXUAL NA CONTEMPORANEIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentada à UNINGÀ -
Faculdade Ingá – como exigência parcial
para obtenção do Título de Psicóloga.
Orientadora: Prof^a. Ms Mariana Lugl

Dedico este trabalho a todos, que assim como eu, acreditam que o amor existe e que pode ser melhor quando é compartilhado.

AGRADECIMENTOS

A todos os meus professores que durante esses cinco anos de formação se dedicaram a mim e ao meu aprendizado. Para todos eles a palavra Mestre nunca fará jus ao que fizeram por mim. A todos eles sem nomear, meu eterno agradecimento.

A Professora Orientadora Ms. Mariana Lugli, pelo apoio que meu deu e pelas palavras dadas durante a execução deste trabalho. Agradeço a você por compartilhar seus inúmeros saberes comigo.

As Professoras Ms. Cinthya Dutra de Almeida César; Patrícia Maria L. Freitas e Joselene Miriani, por terem aceitado compor a banca examinadora deste trabalho.

Aos meus colegas de faculdade, que durante cinco anos foi a minha segunda família, que passaram por tudo isso comigo. Em especial meus companheiros de trabalho e estágio: Francielle, Josemar, Érika, Aguinaldo, Graciele, Luciana e Dayane.

A minha avó Maria que nestes anos de estudo sempre me esperou chegar em casa para poder dormir e que todos os dias rezava por mim. De modo especial a toda minha família que direta ou indiretamente também contribuiu para que eu pudesse vencer mais esta etapa da vida.

A minha mãe Matilde, que sempre acreditou em mim. Pessoa que amo muito, e que durante esses anos me esperava todos os dias acordada com alguma comidinha pronta para mim. A ela que do seu jeito simples, contribuiu e muito para que eu pudesse chegar aqui. A ela que financiou meu sonho que está prestes a se realizar: ser psicóloga.

A minha irmã Ligia, que abrindo mão de algumas coisas pessoais para que eu pudesse continuar estudando, meu sincero agradecimento maninha.

Ao meu noivo Adriano, pessoa a qual dedico meu amor e que sempre compreendeu a minha ausência quando elas se faziam necessárias e que mesmo sem ter minha atenção permanecia ao meu lado, enquanto eu me dedicava ao estudo. A ele, que agora mesmo distante de mim, fisicamente, continua me acompanhando nos seus telefonemas e me apoiando.

E, por fim, a Deus, que me permitiu chegar até aqui na companhia desses anjos citados acima que muito me ensinam e ajudam.

Amor não é se envolver com a pessoa perfeita, aquela dos nossos sonhos. Não existem príncipes nem princesas. Encare a outra pessoa de forma sincera e real, exaltando suas qualidades, mas sabendo também de seus defeitos. O amor só é lindo, quando encontramos alguém que nos transforme no melhor que podemos ser.

(Autor Desconhecido)

MAGALHÃES, Lilian Fabiane Coelho. **Uma Compreensão Teórica a respeito do casamento Heterossexual na contemporaneidade.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Unidade de Ensino Superior Ingá – Faculdade Ingá – UNINGÁ, 2009.

RESUMO

Este trabalho se propõe a elucidar questões referentes ao casamento contemporâneo. Tem como principal objetivo compreender teoricamente o casamento heterossexual na contemporaneidade. Para isso foi realizada uma revisão da literatura onde foi descrito um breve histórico do casamento, sendo este considerado como uma união estável; identificou-se os papéis de cada indivíduo dentro do casamento nos dias atuais; verificou-se as demandas e os desafios no relacionamento conjugal, dentre as diferentes teorias descritas pelos autores; investigou-se as configurações atuais de casamento e as formas de relacionamento entre os casais. Este trabalho apresenta uma relevância social pelo fato de que as pessoas que tiverem acesso a este poderão se apropriar de conhecimentos que podem ajudá-los em sua vida pessoal. Sua importância científica, dá-se pois existem poucos estudos referentes a este assunto, sendo este trabalho mais uma fonte de pesquisa para estudos futuros. Foram ressaltadas algumas modificações pelas quais o casamento passou e quais as demandas emergentes dessa instituição complexa. Colocou-se a evolução do casamento, as mudanças dos diferentes papéis de homens e mulheres e as principais características desse relacionamento, e a influência da tecnologia nos relacionamentos amorosos. E, por fim, fora exposto o que os autores descrevem como novas formas de se viver e pensar o casamento atualmente. Os resultados obtidos a esse respeito foram, de maneira geral, que os casais sofrem transformações de valores e formas de relacionamento, que ocorrem em nosso contexto social. Os desafios que o casal contemporâneo deve dar conta, em função de todas as mudanças, não são poucos, porém nem por isso, os casais tem desistido do casamento como confirmam as pesquisas aqui apresentadas.

Palavras-chave: Casamento. Contemporâneo. Transformações.

MAGALHÃES, Fabiane Lilian Coelho. **A Theoretical Understanding on the Heterosexual marriage in contemporary society.** Completion of Course Work (Graduate Program in Psychology) - Unit Ingá Higher Education - School Ingá - UNINGÁ, 2009.

ABSTRACT

This study aims to clarify issues relating to contemporary marriage. Its main objective to understand the theory in contemporary heterosexual marriage. For this was a literature review which was described a brief history of marriage, which is regarded as a stable, it was identified the roles of individuals within the marriage nowadays, it is the demands and challenges in relationships marriage, among the different theories described by the authors, it was investigated in the current marriage and the forms of relationships between couples. This paper presents a social relevance by the fact that people have access to this can take ownership of knowledge that can help them in their personal lives. Their scientific importance, it is because there are few studies on this subject, this work is more a source of research for future studies. We highlighted some changes in which the marriage is over and that the demands of the emerging complex institution. It has been the evolution of marriage, changes of the different roles of men and women and the main characteristics of this relationship, and influence of technology in the love relationships. Finally, outside the above that the authors describe how new ways of living and thinking about marriage today. The results in this regard were, in general, couples that suffer changes of values and forms of relationships that occur in our social context. The contemporary challenges that the couple must give account, in light of all the changes are not few, but not why, the couples have given up the marriage and confirm the studies presented here.

Keywords: Marriage. Contemporary. Transformations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2.OBJETIVOS.....	20
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	21
3.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS A RESPEITO DO CASAMENTO.....	21
3.2 A TRANSIÇÃO DO CASAMENTO PRÉ E PÓS-MODERNO.....	23
3.3 AMOR E SEXO NO CASAMENTO.....	26
3.4 DIFERENÇAS DE GÊNERO: O PAPEL DA MULHER E DO HOMEM DENTRO DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO.....	30
3.5 INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA E DA MÍDIA NO RELACIONAMENTO CONJUGAL.....	36
3.6 AS MUDANÇAS NA VIDA CONJUGAL: DESAFIOS E DEMANDAS EM UM RELACIONAMENTO AMOROSO NA CONTEMPORANEIDADE.....	38
4. DISCUSSÃO.....	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
6. REFERÊNCIAS.....	58

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que ao longo dos anos o mundo vem evoluindo em todos os campos, aspectos e áreas. No que diz respeito a casamento, as funções, papéis e características que um casal precisa ter para que seu relacionamento seja duradouro e bem-sucedido, também se modificou e evoluiu ao longo dos anos. Sendo justamente a respeito desses aspectos que se trata esse trabalho. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, que se propõe a levantar dados bibliográficos sobre como se dão os casamentos atualmente, visto o grande número de separações que tem ocorrido nos últimos tempos.

Esses insucessos, em relação as separações, podem ser observados por meio de pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Em 2007, embora tenham sido realizados 916.006 casamentos no Brasil, 2,9% a mais do que em 2006 (889.828), o número de dissoluções (soma dos divórcios diretos sem recurso e separações) chegou a 231.329, ou seja, para cada quatro casamentos foi registrada uma dissolução. Há exatamente 30 anos depois de instituído, o divórcio atingiu sua maior taxa na série mantida pelo IBGE desde 1984. Nesse período a taxa de divórcios teve crescimento superior a 200%, passando de 0,46%, em 1984, para 1,49%, em 2007. Em números absolutos os divórcios concedidos passaram de 30.847, em 1984, para 179.342 em 2007. Em 2006, o número de divórcios concedidos chegou a 160.848. As estatísticas do registro civil, divulgadas hoje pelo IBGE, permitem ainda calcular a idade média dos homens e das mulheres à época do casamento. Em 2007, observou-se que, para os homens, a idade média no primeiro casamento foi de 29 anos e, para as mulheres, 26 anos.

Nesta investigação bibliográfica foi abordado o casamento, que aqui é considerado como uma união estável entre homens e mulheres heterossexuais, com idades de 20 à 30 anos, que segundo o IBGE é a idade média do primeiro casamento.

A pesquisa trata de expor primeiramente em sua revisão de literatura um breve histórico do casamento. Em seguida, é feita uma revisão sobre o casamento na contemporaneidade. Após isso, será abordado o amor e o sexo no casamento, que são dois elementos tidos como o ápice que separa e diferencia o casamento contemporâneo do casamento em seus primórdios. Em seguida são expostas questões referentes à diferença de gênero entre homens e mulheres. Logo após é

apresentado a influência que a mídia e a tecnologia provocam nas relações de união conjugal nos dias atuais. Por fim é apresentado a modificação da vida conjugal, o que os autores dizem sobre como viver e pensar esse “novo casamento” que sofreu e ainda sofre influências do mundo globalizado.

Posteriormente à revisão da literatura é feita a discussão da mesma. Na seqüência, são expostas as considerações finais e as referencias, onde foram encontradas as obras citadas neste trabalho.

A relevância social desse estudo da-se em função de que as pessoas que tiverem acesso a este material poderão adquirir um conhecimento importante que poderá ajudá-las em sua vida particular.

Enquanto, que para a ciência, este estudo torna-se relevante pelo fato de existirem poucos trabalhos científicos que abordam essa temática, além de se configurar como um instrumento de pesquisa sobre o assunto para pesquisas futuras.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender teoricamente o casamento heterossexual na contemporaneidade.

2.2 Objetivos específicos

- Descrever um breve histórico do casamento, sendo este considerado como uma união estável;
- Identificar os papéis de cada indivíduo dentro do casamento nos dias atuais;
- Verificar as demandas e os desafios no relacionamento conjugal, dentre as diferentes teorias descritas pelos autores;
- Investigar quais as principais configurações atuais de casamento e as formas de relacionamento entre os casais

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS A RESPEITO DO CASAMENTO.

Para iniciar essa revisão a respeito de casamento faz-se necessário apresentar um breve histórico sobre o assunto. O que é o casamento, de onde surgiu, como era antigamente e atualmente, essas questões serão abordadas neste capítulo.

Vale ressaltar, que trata-se de um estudo do casamento visto como a união de um homem e uma mulher, não necessariamente sendo esta realizada através de um ritual religioso ou civil.

Segundo O'NEILL e O'NEILL (1973 apud ANTON, 2000) o casamento não surgiu sem mais nem menos, esse foi criado pelo homem, para atender as suas necessidades.

Polity (2006) postula que independente da nossa história, todas começam com o encontro de um casal. Falar em casais e casamento remete a pensar em pessoas que optaram por viver juntas, compartilhar espaços tendo o desejo de partilhar sua vida emocional, sexual, familiar, social, etc.

Casamento para o Dicionário Aurélio (*online*, 2009) é a união de um homem e de uma mulher. Ou seja, é quando um homem e uma mulher decidem se unir, morar junto, ficar junto. O Matrimônio é o contrato legal da união de um homem e de uma mulher. Ou seja, é a combinação dessa união, assinada e testemunhada.

O indivíduo ao buscar um parceiro, remonta às primeiras experiências relacionais vividas em sua família de origem. Ou seja, como ele se relacionou com a mãe, com o pai e com os irmãos vêm a tona no seu relacionamento e nos acontecimentos que provem deste. Por maior que seja o universo de relações construídas, o indivíduo traz consigo a semente e é fruto do sistema familiar ao qual pertence. É com essa bagagem de regras, mitos, valores, lealdades, padrões éticos e morais, que chegará à vida adulta e buscará um outro com quem conviver (MATTOS, 2006).

Anton (2000) compartilha essa visão quando postula que o desejo de companhia, de aconchego, de se sentir pertencente a alguém é tão intrínseco ao ser humano que, desde que se tem notícias, o homem vive em grupos. A companhia pode significar sobrevivência, tarefas compartilhadas, lazer; o aconchego lembra

doçura, compreensão, afeto; o pertencer soa mais forte e faz pensar em estritos laços, em sentimentos de posse e de responsabilidades mútuas.

Sobre esse mesmo assunto Bowlby (1969,1979,1989 apud Montoro 2006), propõe que a espécie humana é uma espécie amorosa, predisposta a formar vínculos afetivos, e que o amor é tanto uma necessidade quanto fonte de significados e realizações. Um dos fundamentos desse autor (teoria do apego) é a proposta de que, durante a infância, toda pessoa cria modelos mentais da vida social, nos quais está implícito o que esperar de si próprio, do outro e das relações interpessoais. Esses modelos são construídos socialmente por meio do relacionamento interpessoal com as pessoas mais significativas da vida da criança, suas figuras de apego, responsáveis pelo seu cuidado e proteção, nas horas de perigo, dificuldades variadas, dores físicas e mentais. Além dessa função de porto seguro em momentos de aflição e ansiedade, as figuras de apego também são a base segura, a partir da qual exploramos o mundo. Ou seja, o padrão das relações afetivas de apego que um indivíduo constrói durante sua vida segue o mesmo caminho na relação interpessoal de amor conjugal.

No que diz respeito à cerimônia de casamento Marum (2006), diz que este com culto religioso e noiva, nasceu na Roma Antiga. Não se sabe bem ao certo em que ano esse evento aconteceu, porém sabe-se que advém desse período as primeiras notícias de que as mulheres se vestiram de forma especial para este evento. A roupa da noiva e seus acessórios carregavam muitas simbologias como, por exemplo, a flor no cabelo, que era sinônimo de felicidade e vida longa; além disso, vários outros acessórios e rituais eram feitos para trazer boa sorte e espantar maus espíritos.

Foram os romanos que propuseram uma união “de direito”, ou seja, a união civil. Também foram eles que instituíram a monogamia e a liberdade da noiva para se casar espontaneamente, diante de juízes, testemunhas, com a segurança e garantia da lei (MARUM, 2006).

Marum (2006) aponta que foi somente na idade média que as mulheres deixaram de escolher seus futuros maridos e o casamento passou a ser um negócio e uma questão de família. Muitas vezes, o noivo para a mulher era escolhido ainda quando esta era uma criança. O noivado era um momento muito importante entre as famílias. Nessa época, o vermelho era a cor matrimonial preferida, simbolizando “sangue novo”.

A essa mesma questão Giddens (2007) diz que a família tradicional, da idade média, era acima de tudo uma unidade econômica sendo a transição de propriedades a principal razão de se casar.

Também nessa época a desigualdade de gênero (entre homens e mulheres) era inerente. A mulher era vista e tida como um bem, uma propriedade de seus pais, primeiramente, e depois de casadas, de seus maridos. Essa desigualdade se estendia para a vida sexual, ou seja, as mulheres casadas faziam sexo estritamente para fins de reprodução. Era comum, os homens terem amantes, cortesãs e prostitutas para fins sexuais, de prazer, pois com a esposa o sexo era somente para ter filhos. O que era valorizado nas moças era a virgindade e, nas esposas, a constância e a fidelidade. (GIDDENS, 2007).

3.2 A TRANSIÇÃO DO CASAMENTO PRÉ E PÓS-MODERNO

A escolha do cônjuge passou da obrigação do mesmo escolhido pela família, para a responsabilidade da escolha (LEVY, 2006).

O processo de mudança pelo qual passou o casamento nos últimos séculos fez com que o laço conjugal contemporâneo fosse modelado pelo individualismo e pelas transformações da intimidade. (CARNEIRO; PONCIANO; MAGALHÃES, 2007).

Araújo (*online*, 2009) coloca que o casamento e o amor, tal como conhecemos hoje, surgiu com a burguesia, porém só ficou aparente a partir do século XVIII, quando a sexualidade passou a ser considerada como algo importante para o casamento.

Como vimos no capítulo anterior, os casamentos eram arranjados, não eram baseados no amor e a sexualidade tinha fins de reprodução e não de prazer (ARAÚJO, *online*, 2009; MARUM, 2006; GIDDENS, 2007; JABLONSKI, 1998, 2007).

As grandes modificações na instituição casamento se iniciam com a modernidade. A valorização do amor individual, que se iniciou com a burguesia, estabeleceu o casamento por amor e com o predomínio do sexo erótico na relação de marido e mulher. Essa nova idéia de casamento estabelece que os casados se amem e que tenham expectativas sobre o amor e a felicidade de ambos. Essa imposição que a idéia de casamento estabelece criou incoerências e conseqüências, uma delas é a acentualidade da idealização e em conseqüência disso os conflitos

que resultam da decepção que irão ocorrer no decorrer da convivência (ARIÈS, 1987).

Para Carneiro, Ponciano e Magalhães (2007) o casamento contemporâneo, fornece um suporte para a construção da identidade de cada parceiro, devido a individualidade que se faz de extrema importância nos casamentos de hoje, torna-se cada vez mais líquida, perdendo assim, sua característica de indissolubilidade do “felizes para sempre” que o casamento proporcionava. Desde que se instala o laço conjugal os sujeitos consideram possível ou provável a sua dissolução, ainda que o sentimento amoroso com suas exigências e promessas de eternidade seja o centro da união.

Os fatos demonstram que a busca de um parceiro é, aparentemente, universal. Camuflada ou escancaradamente, todos anseiam pelo acasalamento. O ser humano não foi feito para viver sozinho. Uma prova disso poderia ser o fato da criança nascer da junção de dois seres humanos. E para sua própria sobrevivência a criança quando nasce continua precisando de um outro alguém para poder constituir-se e tornar-se sujeito. O que vale ressaltar é que a dependência humana de um outro humano fica registrada em nossa memória, deixando marcas em nosso psiquismo (LEVY, 2006).

Muram (2006) coloca que é da nossa natureza humana em um determinado ciclo de vida, buscar um relacionamento amoroso que lhe propicie prazer e satisfação. Cada companheiro traz consigo uma história de vida e nessa história tem suas crenças familiares, suas características individuais, seus desejos, seus projetos de vida, suas expectativas e sua percepção de mundo. Após a união, passam a compor juntos um terceiro momento em que se busca a construção da conjugalidade, sem perder sua autonomia.

Todo comportamento humano é influenciado por mecanismos sociais, psicológicos, filosóficos e religiosos, por isso não existe uma forma única de se entender o casamento. A partir desse pressuposto coloca que, é preciso que quando duas pessoas decidam viver sobre o mesmo teto, necessitam criar um espaço comum, no qual possam viver a dois através de diálogos abertos e francos que respeitem as crenças e costumes de cada um (MURAM, 2006).

No processo de evolução pelo qual passamos durante a vida, denominados ciclo vital, o casamento é um ritual de passagem que envolve a separação dos cônjuges de suas famílias de origem. É através do casamento que os filhos expõem

a vontade de percorrer novos caminhos e de que a hora de partir chegou (MARUM, 2006).

Segundo Coontz e Epstein (1997, 2002 apud Jablonski, 2007) as mudanças de ordem cultural e socioeconômica vêm trazendo o casamento contemporâneo a um estado caracterizado como de crise, principalmente dado o aumento do número de separações.

Os números apresentados, na introdução, a respeito do aumento no número de divórcios apontam mudanças significativas a respeito do casamento. Sendo este uma das mais antigas instituições sociais da humanidade, que já enfrentou ao longo dos anos tantos desafios, parece estar vivendo em uma época delicada que merece, no mínimo, cuidados e estudos especiais.

Apesar de todas as controvérsias, questionamentos e dificuldades que o casamento vem apresentando as pesquisas de Jablonski (2007) apontam para algumas atitudes e percepções dignas de nota. Atitudes e percepções estas feitas por jovens, sendo elas: o desejo de se casar da maioria, apesar da crise; a importância dada a virgindade feminina; alguns quesitos ligados à emancipação feminina; a idealização do amor romântico como preservação e cura de todos os males; a persistência de dupla moral em questões relativas a sexualidade e uma ambivalência com a relação à monogamia.

Nesse mesmo estudo os jovens manifestaram críticas à união dos seus pais, girando em torno da excessiva submissão da mãe, da rotina dominando a relação, da falta de diálogo no casal e da existência de doses abreviadas de conflitos (JABLONSKI, 2007).

Giddens (2007) aponta para o fato de que esta nova visão a respeito do casamento foi transformada, em sua maioria, a partir do surgimento do casal informal, das uniões informais. Ou seja, aquelas em que não são ou pelo menos não eram, aceitas socialmente. O autor ainda acrescenta que o casamento tornou-se, a partir de então, uma “instituição-casca”, que são instituições que se tornaram inadequadas para as funções que são chamadas a desempenhar. Ou seja, antes o casamento tinha uma função: negócio de família para aumentar riquezas, pois os casamentos eram arranjos e as famílias se uniam para unirem propriedades e bens materiais; e agora o casamento não tem uma função determinada. Se casar para que? Com que propósito?

Outra modificação ocorrida nessa transição é apontada por Giddens (2007) como o casal sendo o centro da vida familiar. Ou seja, a partir do momento em que o papel econômico declinou e o amor, ou o amor somado à atração sexual, se tornaram a base da formação dos laços o casal passou a ser cerne. Enquanto que o negócio familiar e a reprodução da espécie foram ficando para trás.

Giddens (2007) coloca que a unidade do casamento atualmente é baseada na comunicação e na intimidade emocional. Nunca que no passado esses elementos eram à base de um casamento. E acima de qualquer outro elemento a comunicação é o meio pelo qual se estabelece o laço conjugal, e é a principal base para sua continuação.

3.3 AMOR E SEXO NO CASAMENTO.

Nesse capítulo serão tratadas questões referentes ao amor e ao sexo como elementos essenciais para o casamento na contemporaneidade.

Cabe então nos indagarmos, primeiramente, o que vem a ser o amor? Muitos definiram esse conceito de diferentes formas. Vários foram os autores, filósofos, poetas e amantes que tentaram descrever tal sentimento. Várias são as frases, poemas, versos, prosas e cantos que se remete a tal emoção. Se pensarmos um pouco logo nos vem à mente alguma música, frase, poema, citação ou ditado que se remete ao amor e tenta defini-lo.

Porém Jablonski (1998) coloca que essas frases, poemas e cantos que tentaram definir o amor trouxeram consigo elementos ligados à idealização, força da cultura, novidade, complexidade, papel do sexo, efemeridade e diferenças do gênero.

Outro fato a esse respeito são as categorias/tipos que os autores deram ao amor.

Para Araújo (2005) a visão platônica que associa o amor ao bom e ao belo, vem, ao longo da história, sendo atualizado pelos diferentes discursos e formas de amar. No Cristianismo o amor dedicado à Deus guarda os traços dessa busca pelo bem absoluto. No amor cortês, o culto ao sofrimento e renúncia ao amor carnal reforça o masoquismo sublimático do amor cristão. A imagem de Deus é substituída pela imagem da dama, e a felicidade está na capacidade de renúncia. O amor cortês é predecessor do amor romântico, o novo amor que surge na modernidade (o amor-paixão), que tem na sexualidade sua principal fonte pulsional. Essa nova forma

supõe reciprocidade na escolha amorosa, em que ambos os parceiros sintonizam suas demandas recíprocas de satisfação terna e sexual.

O amor é uma construção social, e que o amor romântico é fruto de um momento histórico, caracterizado por um conjunto de valores dentre os quais o culto ao individualismo, à privacidade e à intimidade burguesa era o que predominava na época. As mudanças na forma de amar é resultado, porém, das mudanças nos processos de subjetivação (ARAÚJO, 2005)

Do seu surgimento até os dias atuais, o amor romântico, tem sofrido algumas transformações. Giddens (1993) coloca que no processo recente das transformações da intimidade, ele vêm dando lugar a outras formas de amar, como o amor confluyente, um amor mais “real” do que o amor romântico, que não se pauta pelas identificações projetivas e fantasias de completude.

O amor confluyente, segundo Giddens (1993), prevê igualdade na relação, nas trocas afetivas e no envolvimento emocional. É um amor ativo, ocasional, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” do amor romântico.

Jablonski (1998) aponta que o amor evolui de estágios, mais violentos para mais afáveis. O autor define dois tipos de amor, que é o amor-paixão e o amor-companheiro. O estágio se inicia pelo amor-paixão onde este pode se manifestar em maior ou menor grau. O amor-paixão apresenta alguns sintomas, são eles: a idealização do outro, o gosto de servir (e ser servido), muito carinho, sentimento de responsabilidade, desejo de partilhar emoções e experiências, pensamentos invasivos (preocupar-se com a pessoa amada, lembrar seu sorriso, seus comentários, momentos especiais que sobrevivem à mente independentemente da vontade do indivíduo), intimidade, atração sexual, relativa falta de preocupação para com os preceitos sociais, veneração, felicidade, transição de humor, falta de apetite e difusa sensação de estar acima do bem e do mal.

Porém se a relação continua o amor-paixão vai vagarosamente se transformando em amor-companheiro. Nesse estágio mais afável e mais civilizado o carinho, a amizade e o companheirismo se sobressaem. O príncipe encantado ou a princesa encantada do primeiro estágio do amor-paixão dá lugar a um (a) companheiro (a). Entretanto, nada impede que esses estágios de amor-paixão e amor-companheiro transitem durante o relacionamento. Nenhum desses estágios é estático e irreversível, estes podem se sobrepor em determinados momentos e ocasiões. (JABLONSKI, 1998).

Em sua pesquisa referente a esse assunto Jablonski (1998) assinala para o fato de que muitos dos entrevistados quando questionados para que fizessem uma avaliação da sua relação conjugal e ao longo dela colocassem o peso do amor, do companheirismo, do sexo, da estabilidade e segurança financeira, a estabilidade e segurança financeira foram dando lugar ao amor e ao companheirismo, apenas o sexo permaneceu inalterado.

Levy (2006) fala que hoje as pessoas vivem com a sensação de que não existem amores verdadeiros ou eternos. O que existe são os ficantes, a rotatividade, a volubilidade, o troca-troca. Nada mais parece ser duradouro. As coisas tornaram-se descartáveis. Porém, apesar de toda essa modificação em relação à família e ao casal a autora acredita que ainda existam casais que se amam, por mais que muitos desejem desconstruir isso através de pressões de todos os tipos.

Feliz ou infelizmente, não se pode deixar de amar se o amante não o quer. Apesar de leis, regras, modas e tendências que impõe que o amor seja dado os filhos ou aos cônjuges, os seres humanos são muito mais complexos e contraditórios que desejam esses modismos. Por mais que sejam proibidos os amores sempre existiram. Amores transgressores, amores escondidos, amores marginais, amores condenados e muitas vezes assassinados (física ou subjetivamente). A saga do amor na vida do homem percorre os tempos. (LEVY, 2006).

Levy (2006) diz que as pessoas acreditam que é preciso ou amar a si mesmo ou amar o outro, porém, afirma que é possível amar a si mesmo e ao outro, ao mesmo tempo. A autora acrescenta que é preciso se amar muito para poder amar desinteressadamente a outro.

Nesse sentido, Freud (1974) diz que um egoísmo forte constitui proteção contra o adoecer, mas, em último recurso devemos começar a amar a fim de não adoecermos e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar. Ou seja, além de ser possível é preciso que o indivíduo cultive seu amor próprio e seu amor pelo outro.

Assim como o amor associado à idéia de casamento, o sexo também, durante muito tempo, fora negligenciado e excluído dessa relação matrimonial. Apenas na nossa sociedade contemporânea é que esses aspectos, amor e sexo foram incluídos no relacionamento conjugal, ou seja, no casamento.

Segundo Giddens (2007), conforme dito anteriormente, a sexualidade na família tradicional sempre foi dominada pela reprodução. Ainda acrescenta que a sexualidade desta época envolvia uma concepção dualista da sexualidade feminina, pois de um lado tínhamos a mulher virtuosa (que era a esposa que tinha o sexo somente para fins de reprodução) e a mulher libertina (que eram as amantes, cortesãs e prostitutas que tinham o sexo como forma de dar e obter prazer). Nessa mesma época, porém para os homens, o aventureirismo sexual era considerado um fator de masculinidade.

No entanto, ao longo das últimas décadas os principais elementos de nossas vidas sexuais mudaram de uma maneira fundamental. A separação entre sexualidade e reprodução está completa. E pela primeira vez, a sexualidade que costumava ser definida somente em relação ao casamento, agora pouca vinculação tem com este (GIDDENS, 2007).

Sexualidade segundo Foucault (1988 apud Araújo, 2005), é uma construção social que uni o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais. Ao longo da vida, a atividade sexual foi um componente de preocupação moral e, como tal, submetida a dispositivos de controle das práticas e comportamentos sexuais. Como esses dispositivos são construídos com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade, eles assumem configurações diferentes na medida em que a sociedade muda.

Jablonski (1998) aponta a diminuição da religiosidade, o advento de anticoncepcionais, o movimento de emancipação da mulher, os avanços tecnológicos e até o surgimento da psicanálise como principais causas para a revolução sexual da qual estamos colocando aqui.

Marum (2006) coloca que a atração sexual é um ingrediente importante para a escolha do parceiro. O vínculo amoroso, que é o que proporciona e alimenta uma relação entre homem e mulher, não vai depender de quantas vezes se tem relação sexual, mas sim da qualidade dessas relações. É nesse momento de intensa intimidade e cumplicidade que os cônjuges têm a oportunidade de reacender a vontade do casal de permanecer juntos, já que podem admirar-se mutuamente, mesmo nos momentos de crise.

Fatores como desemprego, dívidas, falta de dinheiro são fatores estressantes que podem influenciar no relacionamento sexual do casal. A libido sofre influência dos aspectos emocionais, ambientais e orgânicos. A atração sexual é um ingrediente

importante para a escolha do cônjuge, e é um aliado no processo de que um se torne o objeto sexual do outro. (MARUM, 2006).

Esse momento de intimidade, para Marum (2006), é intensa e a cumplicidade que ocorre através da relação sexual é uma oportunidade de mostrar seus desejos e suas fantasias e é nessa intimidade de prazeres viscerais, expressão de impulsos por vezes inconscientes, que reacende a vontade do casal em continuar junto, já que podem admirar-se reciprocamente, mesmo nos momentos de crise.

Resumidamente, Walsh (2002) coloca que nos últimos 20 anos a instituição do casamento mudou de maneira radical. O questionamento sobre as regras e os papéis rígidos conduziu muitas pessoas a desprezar o matrimônio ou a renunciar a casar e ter filhos, e isso trouxe consigo um alto número de separações e divórcios. A família nuclear, constituída por pai, mãe e filhos, onde o homem trabalha e a mulher cuida da casa e dos filhos em tempo integral, representa um percentual muito pequeno.

3.4 DIFERENÇAS DE GÊNERO: O PAPEL DA MULHER E DO HOMEM DENTRO DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO.

Neste capítulo iremos discorrer a respeito das relações entre homens e mulheres e as diferenças de gêneros feminino e masculino no casamento.

O termo “gênero”, na sua definição gramatical, designa indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino). Porém, na forma que vem sendo utilizada pelas escritoras femininas, este termo adquiriu um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino (ARAÚJO, *online*, 2009).

Para tratar desse assunto é preciso antes de qualquer coisa fazer um retrospecto a respeito da emancipação feminina, pois esta foi uma grande mudança não só na história da humanidade, mas também no que concerne o casamento contemporâneo e sua atual transformação.

Segundo Jablonski (1998) fazer uma síntese da evolução das relações de poder e dos papéis que as mulheres foram adquirindo desde a antiguidade, não é uma tarefa fácil. Aliás, é um assunto bem polêmico.

O estudo das condições da mulher ao longo do tempo, segundo Jablonski (1998) nos apresenta exemplos e momentos cuja própria descrição enche-nos de espanto. A mulher ateniense era impedida de estudar ou sair de casa; à mulher

japonesa era considerada um animal doméstico útil; as mulheres africanas, ou de regiões do Oriente Médio e do Sudeste Asiático, que foram mutiladas sexualmente; as refugiadas paquistanesas que tinham que ficar em suas tendas de manhã à noite; as islamitas que eram consideradas insignificantes; as brasileiras do período colonial, sem direito a educação; as mulheres hindus sacrificadas quando o marido morria; enfim, como podemos ver aqui, através dos exemplos citados acima, as mulheres viviam e em alguns países, ainda vivem, em estado de escravidão.

Quanto ao papel das mulheres, de um modo geral, cabia a essas o exercício de tarefas de casa; o cuidado com os filhos; a atenção aos idosos e doentes da família, tanto de origem como do marido; e num plano subentendido a conservação de valores afetivos, familiares e a transmissão geracional. E aos homens, devido a sua força física, trabalhar para obter o sustento financeiro da casa. Apesar da complementaridade dos papéis - sendo a mulher responsável pelo trabalho de cunho emocional e dos afazeres domésticos, e o homem ficando com a responsabilidade pelo sustento da casa – em relação às questões de poder o homem detinha a maior parte do mesmo, se não todo ele. (JABLONSKI, 1998).

Como vimos essa realidade anteriormente descrita sofreu alterações e para Harris (1984 apud Jablonski, 1998) o pivô da primeira motivação da saída da mulher de casa foi econômica. Sendo assim, a necessidade de complementar o salário do marido para o sustento da família – que foi em meados dos anos 50 - fez com que a mulher saísse para trabalhar. Também em 1950, aproximadamente, vários produtos eletrodomésticos surgiram e foram barateados, tornando-se estes sonhos da classe média e média-baixa, sendo esse fator o maior responsável pela entrada feminina no mercado de trabalho. Depois disso veio a inflação, e esta fez com que o trabalho da mulher fosse uma complementação indispensável para manter o padrão de vida das famílias. A partir de então, a mulher começou a tomar conhecimento de que teria uma dupla jornada de trabalho (trabalho fora de casa e trabalho dentro de casa – doméstico), somado aos empregos de segunda classe, mal remunerados e com poucas possibilidades de promoção levaram ao que nos anos 60, fora denominado de movimento feminista.

Uma frase bem característica da época diz que: “a liberação da mulher não criou a mulher trabalhadora, e sim a mulher trabalhadora criou a liberação da mulher” HARRIS (1984 apud JABLONSKI, 1998).

Nossa geração está presenciando e participando, de certa forma, de uma mudança e tanto. Um contingente maior de mulheres passou a integrar o mercado de trabalho: a participação delas passou de 44,4% em 2007 para 44,7% em 2008. Ressalta-se que em 2003 a participação delas não passava de 43,0%. Os dados mostram que a expansão foi mais intensificada entre as mulheres em ambos os períodos e em todas as Regiões Metropolitanas. Ainda que os homens sejam maioria entre os ocupados, cabe destacar que na comparação de 2008 contra 2003, a variação da população ocupada foi de 12,7% para os homens e 20,6% para as mulheres.

Ainda em relação aos dados estatísticos, esses apontam para uma crescente participação das mulheres no mercado de trabalho não reduziu a jornada delas com os afazeres domésticos. Pelo contrário, na faixa etária de 25 a 49 anos de idade, onde a inserção das mulheres nas atividades remuneradas é maior e que coincide com a presença de filhos menores, o trabalho doméstico ocupa 94,0% das mulheres. No país, 109,2 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade declararam realizar tarefas domésticas; sendo que, deste conjunto, 71,5 milhões (65,4%) são mulheres e 37,7 milhões (34,6%) são homens. No total da população masculina, observa-se, no Nordeste, a menor participação dos homens nestas tarefas (46,7%,) enquanto que, no Sul, se evidencia a maior taxa (62%). E, ainda, na população masculina, quem mais realiza tarefas em casa são os mais escolarizados (54%), enquanto que para as mulheres ocorre o inverso. Segundo o estudo, também pode-se deduzir que a aposentadoria permite aos homens se dedicarem mais a estas atividades. São os homens de 60 anos ou mais de idade que dedicam maior parte do seu tempo nestes afazeres (13 horas semanais). Do lado feminino, o trabalho doméstico consome mais tempo na faixa dos 50 a 59 anos de idade, chegando a 31 horas semanais, cerca de 3 vezes mais que o tempo dedicado pelos homens de mesma idade.

Para Oliveira (1993 apud Araújo, *online*, 2009) os valores são o centro da diferença entre homens e mulheres. Os valores femininos dizem respeito à ênfase no relacionamento interpessoal, a atenção e o cuidado com o outro, a proteção da vida, a valorização da intimidade e do afetivo e a gratuidade das relações. Ou seja, a essência feminina vêm da relação com os outros.

A idéia de que exista um modelo masculino e outro feminino universal já não se sustenta mais. Hoje o que vemos é a pluralidade e a subjetividade de vários modos

de ser femininos e masculinos que já convivem, com menos conflitos, com as diferenças existentes. Nessa perspectiva abre-se a possibilidade de construir relações mais democráticas, nos quais o direito à igualdade e o respeito à diferença são as bases (ARAÚJO, *online*, 2009).

Historicamente, a mulher teve predominância nos estudos. Com isso a vivência do masculino e o que determina seus papéis e funções dentro dessa nova sociedade e, conseqüentemente, desse novo casamento fora negligenciado por muito tempo e somente nos anos 90 é que se tem revisto o papel do homem dentro do casamento e da família. (Brasileiro; Jablonski e Carneiro, *online*, 2009).

Brasileiro; Jablonski e Carneiro (*online*, 2009) a mulher está cada vez mais liberta do tradicional, como já fora citado acima, e isso vem lançando novos questionamentos e exigências sobre o lugar e o papel do homem, abrindo espaços para novas formas de expressão do masculino.

Segundo Brasileiro; Jablonski e Carneiro (*online*, 2009) as tendências para papéis femininos e masculinos mais estereotipados ocorrem independente do status profissional das mulheres, nível educacional ou das atitudes de gênero e divisões de trabalho preexistentes dos casais. Ou seja, os papéis estereotipados como quem limpa a casa, quem cuida dos filhos e quem sustenta a casa independe das condições financeiras e emocionais do casal.

Os autores Brasileiro; Jablonski e Carneiro (*online*, 2009) colocam que foi na década de 90 que os homens passaram a ser vistos como um homem sensível e que se realiza no ambiente familiar com a esposa.

Jablonski (1995 apud Brasileiro; Jablonski e Carneiro, *online*, 2009) compara a vivência masculina conjugal contemporânea com

(...) um “boçalossauro” (espécie de réptil terrestre, que habita o íntimo masculino). Este monstro que impele os homens a agirem de forma machista, estaria ameaçado de extinção devido às grandes mudanças provocadas pelo “meteórico avanço do movimento de emancipação feminina”. Ao contrário do que parece ter acontecido com os dinossauros, entretanto, sua extinção não se dará da noite para o dia, por seus hábitos estarem quase fossilizados após muito tempo ocupando lugar de poder nas relações de gênero. Assim, os homens querem mudar e desejam construir uma relação entre iguais, mas a verdade é que todos estes milênios de condicionamento social os fizeram associar a masculinidade à independência, autonomia, autoconfiança, liderança nas relações de gênero e agressividade, dificultando as transformações das atitudes em comportamentos de fato igualitários. (p.160).

Jablonski (1998) comenta que os verdadeiros dinossauros foram extintos há milênios, por ação de forças da natureza às quais eles não conseguiram se adaptar. Da mesma forma, supunha-se que as mudanças no mundo e nas relações, principalmente de gênero, levaria o “boçalossauro”, que ainda existe dentro dos homens, à extinção. Então o que é que *faz* este monstro permanecer no íntimo masculino ainda? São as atitudes aprendidas e internalizadas durante milênios que são atitudes como: tratar as mulheres como objetos, não respeitar suas opiniões ou desejos, não levantar a tábua da privada, cobiçar a mulher do próximo, dissociar sexo do afeto, só entrar na cozinha para pegar uma cerveja, ordenar em vez de pedir, ler os jornais exigindo silêncio absoluto e distância mínima de dois metros de qualquer outro ser humano, ver jogos de futebol até do interior do Piauí e do Japão, só lidar com as crianças (quando as tem) em poucos, determinados e limitados momentos.

Quanto ao “novo” homem, em seus estudos sobre a masculinidade, Nolasco (1993, 1995, 2001 apud Negreiros; Carneiro, *online*, 2009) refere-se à banalização dos aspectos sociais masculinos, como opostos aos novos aspectos sociais femininas. Esses aspectos teriam passado a ocupar o lugar de “inimigo”, impedindo a lógica do esclarecimento. Como alternativas para este impasse, o autor ressalta a desconstrução da virilidade truculenta - interpretada como possível dúvida sobre a identidade sexual do homem, comprometido em provar e prover - e a construção da paternidade.

Wang, Jablonski e Magalhães (*online*, 2009) coloca que é interessante pensar em como é construída a mente do homem, ou seja, qual processo de socialização o menino passa para ser transformado em um homem. Este processo conta com a participação ativa de todos que direta ou indiretamente sejam responsáveis pela exposição dos ideais culturais da sociedade em que esse masculino está inserido.

Esses ideais são papéis, padrões, crenças e normas de comportamento que serão inseridas durante a vida deste menino que se tornará homem. As características e os papéis que são aprendidos como sendo um modelo ideal de masculinidade são: forte, confiante, ativo, destemido, determinado, realizador, independente, objetivo, pragmático, racional, emocionalmente equilibrado, profissionalmente competente, financeiramente bem sucedido e sexualmente impositivo. A esta lista podem ser acrescentados outros adjetivos de conotação mais pejorativa como fria, insensível, agressiva, arrogante, dominador, autoritário, violento

e opressor. Sabe-se que uma mulher também pode ser tudo isso, mas durante muito tempo estas características foram consideradas inerentes à “natureza” masculina e até hoje os estereótipos de gênero têm forte influência no cotidiano de muitos homens e mulheres. (WANG, JABLONSKI e MAGALHÃES, *online*, 2009).

De acordo com Wang, Jablonski e Magalhães (*online*, 2009) em virtude das mudanças ocorridas no setor social e econômico o perfil de feminilidade e masculinidade, como tradicionalmente eram conhecidas também foram modificadas. Até a chegada das primeiras conquistas feministas, a concepção de mulher no imaginário social estava vinculada à maternidade, aos afazeres domésticos e ao cumprimento do “papal de esposa” no que concerne a satisfação das necessidades sexuais do marido. Por outro lado, a masculinidade era intrinsecamente ligada à imagem do homem como provedor e protetor da família. Os meninos cresciam sabendo que deveriam tornar-se fortes, independentes e financeiramente bem sucedidos, para que pudesse promover futuramente o conforto material de suas famílias; o desenvolvimento das habilidades necessárias ao conforto emocional ficava a cargo das meninas.

Barasch e Diehl (1997, 2002 apud Wang, Jablonski e Magalhães, *online*, 2009) coloca que estas transformações e essa dúvida e incerteza sobre qual o papel do homem na sociedade e no casamento contemporâneo ocasionam inúmeros casos de disfunção sexual masculina, dentre os quais figuram principalmente a impotência e a ejaculação precoce. Esses casos têm sido justificados como conseqüência do medo que a nova mulher está causando nos homens que insistem em permanecer antigos ou que ainda não sabem qual a melhor forma de se atualizar.

A respeito dos homens estarem ajudando nos afazeres domésticos, o homem brasileiro, segundo Dedecca (em Folha de São Paulo, edição de 11/07/2005 apud Wang, Jablonski e Magalhães, *online*, 2009), se comparado com o de países desenvolvidos, é um dos que têm mais dificuldades em participar ativamente das atividades dentro de casa, despendendo aí menos de uma hora diária.

Araújo (*online*, 2009) aponta que a grande conquista do projeto feminista foi que a partir deste, pôde-se promover mudanças nas relações de gênero, na medida em que as mulheres puderam se libertar dos velhos estereótipos e construir novas formas de agir, se relacionar e se comportar. Essa mesma possibilidade de mudança de estereótipo cabe aos homens, pois esses estão se permitindo ser

menos machistas, ou seja, ambos podem ser sensíveis, objetivos, fortes, inseguros, dependentes, independentes, com liberdade e autonomia. O que não era possível quando as categorizações correspondentes ao gênero eram mais limitadas. Acima de tudo gênero é uma construção social e essa reconstrução a respeito do gênero feminino fez com que a reconstrução do gênero masculino fosse se concretizando até chegarmos aos dias de hoje.

Para Jackson (1957 apud Mattos, 2006), uma relação saudável implica num processo ativo de pesquisa e definição de tarefas relacionais por meio da negociação do conviver conjugal. A definição dos papéis de cada um e das regras da relação é um processo construído pelos dois ao longo do tempo, ou seja, regras e papéis mutáveis.

3.5 INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA E DA MÍDIA NO RELACIONAMENTO CONJUGAL.

O casamento sofreu e ainda sofre por inúmeras influências pertinentes ao mundo contemporâneo e todas as transformações decorrentes desse período. Porém, outros fatores também influenciam o casamento, como os efeitos da tecnologia e da mídia.

Black (2002) coloca que nos consultórios, nos últimos anos, um novo tipo de problema começou a surgir nas terapias. Os avanços tecnológicos estão penetrando na vida dos casais a uma velocidade superior à nossa capacidade em medir o impacto que elas causam nos relacionamentos.

Os computadores pessoais, o correio eletrônico, a internet, os telefones celulares, as secretárias eletrônicas, o identificador de chamadas, os aparelhos de fax, as televisões com 160 canais – todas essas e muitas outras modernidade têm dado aos casais novas formas de se comunicar (BLACK, 2002).

Dentro de tantas intervenções tecnológicas decorrentes das descobertas científicas, Vitale (2006), focaliza o uso dos telefones celulares e da internet. A autora diz que esses recursos que foram incluídos no dia-a-dia dos casais trouxeram vantagens e custos sociais e emocionais, e trouxe novas questões para os vínculos amorosos atuais. Essas sinalizam novas formas e o alargamento de trocas afetivas que ultrapassam os limites locais.

No cotidiano o telefone celular trouxe tensões associadas à sua dupla função. De um lado, o encurtamento das distâncias com relação às pessoas da família, dos amigos e do trabalho. De outro lado, se o celular aproxima as pessoas, reduzindo distâncias e favorecendo o contato, tende, também, a dividir ou separar o casal. (VITALE, 2006).

Vitale (2006) postula que o celular pode favorecer a comunicação e a cumplicidade do casal, onde o contato direto não se produz de forma fácil. O celular ainda propicia o prazer de facilitar a comunicação com quem está longe. Porém, esta inovação tecnológica pode ser um empecilho numa relação, pois o mesmo também pode dividir ou separar o casal. Isso pode ocorrer pelo fato de que quando o telefone toca alguém se faz presente e alguém fica excluído, a situação triangular ocorre neste momento. O uso do celular também revela os espaços determinados como comuns e os individuais no relacionamento conjugal. Pois, tendo o celular em mãos, o acesso ao coletivo fica fácil.

O namoro à distância atravessou gerações, em especial, o namoro à distância pela internet ganha significados próprios. O crescimento de sites em que há anúncios que oferece serviços que possibilitam conhecer a “alma gêmea” é bastante conhecido. Assim como o celular, a internet desvenda a situação clássica triangular e configura um novo desenho dos territórios comuns e separados, autônomos da vida conjugal (VITALE, 2006).

A respeito da interferência da mídia na nossa vida, Levy (2006) afirma que é com os meios de comunicação que aprendemos a nos vestir, a comer, que corpo ter e também como amar. Essas regras impostas pela mídia se naturalizam de tal forma que nos fazem aceita-las como únicas, corretas e verdadeiras. Com isso, passamos a duvidar de nossos sentimentos, desejos e emoções. Não é mais a nossa razão, a nossa vontade que nos diz para onde ir e sim a onda do momento, ou seja, o modo como fazer isso dito pelos meios de comunicação.

O indivíduo da sociedade moderna se aproximou das máquinas ou se identificou com, pensando que ao construí-las poderia construir a si mesmo, tornando-se cada vez melhor, porém, desumanizando-se. Esse indivíduo da sociedade moderna se distancia das emoções, dos sentimentos, das sensações, pois acreditam que estes atrapalham a ascensão do ser, e acaba se afastando da sua essência e passa a ser dominado pelo ter e pelo fazer (RECHULSKI, 2006).

3.6 AS MUDANÇAS NA VIDA CONJUGAL: DESAFIOS E DEMANDAS EM UM RELACIONAMENTO AMOROSO NA CONTEMPORANEIDADE

Este capítulo pretende explorar as novas formas de se pensar e viver um relacionamento amoroso satisfatório. Entendendo que a satisfação conjugal é:

[...] sem dúvida, um conceito subjetivo, implicando em ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder, em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo. Relaciona-se com sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança, fatores que propiciam intimidade no relacionamento, decorrendo da congruência entre as expectativas e aspirações que os cônjuges têm, em comparação à realidade vivenciada no casamento Campbell, Converse, & Rogers; Chadwick, Albrecht, & Kunz; Farias; Gottman & Krokoff; Lewis & Spanier; Miranda; Olson; Olson & Stewart; Rollins & Cannon, (1976, 1976, 1994, 1989, 1979, 1987, 1986, 1991, 1974 apud Norgren; Souza; Kaslow; Hammerschmidt; Sharlin, 2004, p. 576).

Segundo Dela Coleta; Olson; Sharlin, Kaslow, & Hammerschmidt; Spanier & Lewis (1989, 2000, 2000, 1980 apud Norgren; Souza; Kaslow; Hammerschmidt; Sharlin, 2004), porém, a satisfação conjugal é um termo complexo que interfere com variáveis como características de personalidade, valores, atitudes e necessidade, sexo, momento de vida do ciclo familiar, presença de filhos, nível de escolaridade, nível socioeconômico, nível cultural, trabalho remunerado e experiência sexual antes do casamento.

Mattos (2006) coloca que o casamento é constantemente analisado pelas diferentes áreas do saber. Esses estudos realçam a trajetória e o elemento diferenciador de cada época. As literaturas estão extensas e as pesquisas a respeito estão cada vez mais elaboradas e fazendo transformações importantes. Apesar da alta taxa de separação e divórcio, novas formas de conjugalidade vão se apresentando, e sempre mostrando o desejo de homens e mulheres de unir-se.

São tantas transformações realizadas na instituição do casamento que até parece que este não resistirá e acabará por se extinguir. No entanto, ele sempre se transforma, cria novas configurações, como que para atender as necessidades humanas e as dos novos tempos, e ainda continua ocupando os primeiros lugares nas listas de realizações pessoais (MATTOS, 2006).

A partir do momento em que nossas preferências e nossos modelos conjugais mudaram drasticamente, os nossos protótipos com relação a um casamento saudável e satisfatório são já absoletos e não se adaptam mais à complexidade da vida da maioria dos casais (WALSH, 2002).

Segundo Araújo (1993;1999 apud Araújo, *online*, 2009) o processo de “democratização das relações pessoais” pelo qual o mundo passou e que fora apresentado até o momento, afeta fortemente as representações e vivências do casamento contemporâneo. No contexto brasileiro, especialmente entre as classes médias urbanas mais intelectualizadas, o casamento tradicional regido pela ascendência masculina vem dando lugar a outra forma de casamento, onde a mulher reivindica igualdade e há uma constante negociação no relacionamento. Nesse novo tipo de casamento, a intimidade tende a se reorganizar e se estruturar tendo como base os novos valores, entre os quais amizade e companheirismo se colocam como fundamentais.

Araújo (*online*, 2009) postula que essa transformação de intimidade passa basicamente por uma análise de gênero. Os estudos novos questionam a idéia dominante na bibliografia de que os homens têm mais dificuldades com a intimidade do que as mulheres. Como diz Giddens (1993), a intimidade é acima de tudo uma questão de comunicação pessoal, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal. Nesse panorama, as mulheres tiveram uma função de revolucionárias emocionais da modernidade e prepararam o caminho para ampliação da intimidade. Determinadas pré-disposições psicológicas têm sido a condição e o efeito desse processo, assim como também as modificações a nível material e social que consentiram às mulheres reivindicar a igualdade e sugerir mudanças nas relações de gênero.

Araújo (*online*, 2009) e Giddens (1993) dizem que as mulheres foram agentes dessas mudanças, mas vale lembrar que elas não fizeram isto sozinhas. A constituição das relações amorosas e sexuais mais democráticas e igualitárias dentro ou fora do casamento é uma conquista de homens e mulheres. Pois estes permitiram, assim como a sociedade, que essas mudanças ocorressem.

Todas essas conquistas realizadas pelas mulheres e pelos homens, vem permitindo o aparecimento de outras formas de relacionamento amoroso, tanto no contexto heterossexual quanto fora dele. Hoje vivemos na constelação da multiplicidade. O casamento formal, heterossexual que possui como finalidade

constituir família, permanece como uma referência e um valor importante, porém existem outras formas de relacionamento conjugal como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos ou sem co-habitação, e também as uniões homossexuais. Neste processo de modificação da intimidade, dos valores e das idéias, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas (ARAÚJO, *online*, 2009).

Polity (2006) aponta sua visão dizendo que muitos se casam sem muito conhecimento sobre si (emocional, cognitivo, etc.), assim como não tem conhecimento do companheiro. E é na convivência que as diferenças são encontradas.

Polity (2006) acrescenta dizendo que o cônjuge, assim como os filhos, não vem com manual de instrução, e isso demanda uma dose de paciência, tolerância e capacidade de escuta. O cônjuge é um novo campo a ser explorado, e para que possa fazer tal exploração, é preciso ter a autorização do mesmo para conhecê-lo.

Num mundo de transformações muitas rápidas, decorrente deste mundo globalizado, além dos desafios inter-relacionais, restam os desafios sociais e culturais, traduzidos pelo constante apelo em se contrair bens de consumo, status, ampliar o poder de aquisição, se enquadrar em padrões físicos e outros tantos moldes que nos sentimos obrigados a corresponder. Desse modo, passamos a ter que dar conta das inúmeras expectativas que temos e das que impuseram sobre nós, inclusive a expectativa de fazer com que o casamento dê certo (POLITY, 2006).

Em um casamento, Marum (2006), aponta para o fato de que quem sai leva a admiração, os legados e o amor; e os que ficam podem não achar fácil, porém entendem que essa separação é inevitável. Em nosso contexto contemporâneo, a convivência com o outro exige que os parceiros sejam indivíduos autônomos. Ou seja, cada parceiro nessa relação possui direitos e deveres iguais. A autonomia que o autor coloca se refere aquela autonomia em que supõe-se que o indivíduo saiba usufruir a liberdade com responsabilidade.

Nos primeiros anos de casado, os cônjuges se encontram num período de adaptação e acomodação em sua nova vida, buscando encontrar sua identidade conjugal. Esse período irá exigir do casal muito empenho e tolerância, pois é aí que ocorrerá o estabelecimento de metas que darão suporte para o equilíbrio entre as diversas redes sociais que passam a compor o universo do casal; as famílias de origem, o grupo de amigos e de trabalho (MARUM, 2006).

Tornar-se um casal, na visão de Marum (2006) é uma tarefa difícil e complexa. Envolve aspectos emocionais e implica na realização de muitas escolhas e renúncias de cada um. Quanto mais a pessoa se conhece, melhor e mais ela irá reconhecer e conhecer o outro.

Marum (2006) compara o casamento com a “dança”. Ele diz que assim como tal, o relacionamento entre duas pessoas necessita de muitas habilidades do par conjugal. Os movimentos precisam ser delicados, exigem cuidado com o parceiro e muita atenção, concentração, sincronia, ritmo e compasso. No vínculo amoroso, a dança mostra a possibilidade de interação e equilíbrio entre autonomia e fusão, individualidade e pertencimento.

Outro fator que deve ser ressaltado é o tempo. Fraenkel e Wilson (2002) apontam que este é um dos mais poderosos fatores que influenciam na qualidade e na organização diária dos casais. Questões relacionadas à diferença de ritmos, rotinas que não permitem que o casal se encontre, preferências diferentes em relação à quantidade de tempo que desejam passar juntos ou separados, enfim, esses e outros aspectos relacionados ao tempo pode ser um fator de risco para os casais, logo, algo que também precisa ser revisto.

Fraenkel e Wilson (2002) acrescentam que o perturbado ritmo da vida profissional, os horários de trabalhos cada vez maiores e o tempo de locomoção cada vez maior acaba por distanciar mais o casal. Esses fatores afetam a qualidade e quantidade de tempo de que os parceiros dispõem para estar juntos, tornando cada vez mais difícil a manutenção da intimidade e da divisão de prazeres e de tarefas.

Para que essas demandas negativas da vida cotidiana não destruam um casamento é essencial que o casal converse. Porém, para conversar é preciso dar lugar ao outro, ou seja, ouvir o outro. Conversar implica falar, mas também escutar. É nos espaços de conversa que nos reconhecemos e legitimamos o outro. (RECHULSKI, 2006).

Maturana (2004 apud Rechulski, 2006) aponta para o fato de que o ser humano surgiu na conversação transgeracional do viver, no conversar. Isto é, todo o viver e atividade humana surgiram da convivência entre conversações e a rede de conversações.

Mattos (2006) fala que quando um homem e uma mulher se aproximam e se percebem interessados um no outro, o diálogo é uma fonte preciosa de informações

e de possibilidades para a construção de um vínculo. A autora acrescenta dizendo que durante a convivência e a conversação, o outro se revela como alguém que se encaixa, corresponde, completa e atrai. Ou seja, é através da conversa que um homem e uma mulher poderão perceber as suas afinidades.

Rechulski (2006) coloca que o que mais chama a atenção é como a intimidade existente entre as pessoas pode ser provocadora e perturbadora de equívocos. A autora coloca que recebe em seu consultório pessoas com capacidade intelectual e qualificadas profissionalmente, ou seja, pessoas com cultura e educação. Porém, essas mesmas pessoas em casa se desintegram na relação a dois ou com os filhos. Isso se deve porque para a relação íntima essas pessoas bem sucedidas profissionalmente, não desenvolveram competência necessária para tal relação.

Jurg Willi; Kitty La Perrière; e outros (1978, 1992 apud Rechulski, 2006) compartilham a idéia de que:

[...] conjugar só é possível quando se tem um indivíduo integral, que pode reconhecer-se na sua história pessoal e, portanto, legitimar o outro. Ele não toma o outro como parte de si mesmo, para completar-se porque lhe falta algo, mas sim para estar com o outro, a fim de que se enriqueçam mutuamente. (p.69)

Rechulski (2006) diz que a mente é tão moderna quanto o coração é antigo. Costuma-se pensar que quem considera o coração ainda está muito perto do mundo animal, do descontrolado, ao passo que, quem cuida da razão, aproxima-se das mais elevadas reflexões. E se as coisas não fossem assim e fossem o contrário, ou seja, se o excesso de razão estiver desnutrindo a vida.

A intimidade não depende apenas de os cônjuges terem fácil acesso um ao outro. Em muitas relações conjugais pode haver uma percepção subjetiva de intimidade e proximidade mesmo com a distância e o tempo, enquanto em outras, os cônjuges podem sentir-se assolados por sentimentos de solidão e vazio afetivo, mesmo morando sob o mesmo teto e vendo TV juntos aos domingos. Ou seja, a intimidade e proximidade pode ser entendida de forma subjetiva por cada pessoa e este é um aspecto que também precisa ser conversado para que cada um saiba do outro o que ele quer e entende por carinho e intimidade (MONTORO, 2006).

Montoro (2006) afirma que um número enorme de pessoas queixa-se por não receber dos parceiros a quantidade e qualidade de atenção e amor desejados. Porém, cada um quer receber mais, mas acredita que já dá o suficiente.

Outra incompatibilidade freqüente entre casais é o paradoxo de que muitos homens expressam seu amor por meio do desejo sexual, quando a maioria das mulheres precisa da expressão amorosa verbal e carinhos para sentir-se abertas para o sexo (MONTORO, 2006).

Walsh (2002) define os casais como funcionais ou disfuncionais e coloca que o fracasso ou o sucesso de um casamento dependem do funcionamento, ou não, das regras de colaboração que devem ser expressas por cada casal em consideração às inevitáveis diferenças e semelhanças entre os parceiros. Em uma relação de casal, os dois devem poder colaborar em um grande número de tarefas: ganhar dinheiro, cuidar da casa, levar uma vida social, ter relações sexuais e ser pais, presumidamente, por um longo período de tempo. As regras dessa relação estabelecida pelo casal para enfrentar essas tarefas fundamentais é que estabelece o grau de funcionalidade ou disfuncionalidade do casal.

Goldner (1988 apud Walsh, 2002) apontam para o fato de que o equilíbrio de poder entre marido e mulher é um tema fundamental na organização do sistema conjugal.

Beavers (1986 apud Walsh, 2002) a esse mesmo respeito diz que os casais bem sucedidos são aqueles que conseguem manter uma complementaridade diante das obrigações e, ao mesmo tempo, um sentido de igualdade e de liderança partilhada.

Walsh (2002) aponta outro quesito importante para o bom funcionamento de um casal. Este quesito é a adaptabilidade, que tem relação com o equilíbrio entre a manutenção de uma estrutura saudável e ao mesmo tempo flexível em resposta às mudanças da vida.

Outro aspecto fundamental é a coesão. Walsh (2002) diz que os casais saudáveis conseguem encontrar um equilíbrio entre proximidade e respeito ao distanciamento e às diferenças individuais. Nessa relação de concordância há um compromisso partilhado com a relação e a sua continuidade, e uma expectativa de que cada um seja a coisa mais importante para o outro.

Assim como outros autores já citados, Walsh (2002) coloca que a comunicação também é essencial para se ter um relacionamento saudável e bem sucedido.

A expressão das emoções é um outro aspecto de suma importância da comunicação de um casal. Cada casal deve chegar a um acordo sobre como se exprimem reciprocamente os sentimentos de amor, afeto e cuidado. (WALSH, 2002).

O casamento hoje em dia, diz Mattos (2006), não precisa ser um cárcere, como já o foi considerado um dia. Casar e separar pode ser uma escolha. E vale ressaltar que mesmo os casais que nunca se separaram de fato, não raro viveram períodos juntos separados que redefiniram suas relações, recasando-se algumas vezes numa mesma união conjugal.

Num estudo feito por Norgren; Souza; Kaslow; Hammerschmidt e Sharlin (2004) os motivos dados pelos cônjuges para permanecerem juntos foram: acreditarem que o casamento é parceria para a vida toda, sentirem-se responsáveis um pelo outro e por haver amor.

A grande diferença dos casais que dão certo e os que não dão certo não é a presença ou ausência de problemas, mas sua capacidade de enfrentar e resolver as dificuldades que surgem no caminho da vida do casal. E para que os problemas sejam resolvidos e superados é preciso que o casal tenha os requisitos já citados anteriormente (WALSH, 2002).

4. DISCUSSÃO

Neste trabalho foram encontrados vários fatores comuns entre os autores e são esses pontos que serão ressaltados nessa discussão.

No que concerne o casamento Polity (2006) diz que independente da nossa história todos começamos e surgimos através de um casal. E falar em casal e casamento remete a idéia de pessoas que queiram viver juntas, compartilhar espaços, desejos, emoções, sexualidade, etc.

Mattos (2006); Anton (2000); Bowlby (1969, 1979, 1989 apud Montoro, 2006); Levy (2006); Muram (2006) e Polity (2006) compartilham a idéia de que nós, seres humanos, nascemos predispostos a nos relacionar. Para esses autores o desejo de companhia, de aconchego e de se sentir pertencente a alguém é intrínseco ao ser humano. A companhia pode significar sobrevivência, tarefas compartilhadas, lazer; o aconchego lembra doçura, compreensão, afeto; o pertencer soa mais forte e faz pensar em estritos laços, em sentimentos de posse e de responsabilidades mútuas.

Bowlby (1969, 1979, 1989 apud Montoro, 2006) ainda acrescenta o fato de que a espécie humana é uma espécie amorosa, predisposta a formar vínculos afetivos, e que o amor é tanto uma necessidade quanto fonte de significados e realizações. Estes mesmos autores ainda partilham a hipótese de que isso possa ocorrer devido as experiências que tivemos na nossa infância. Ou seja, os modelos de relacionamento obtidos ao longo do nosso desenvolvimento, desde a nossa infância, primeiramente, com os pais e com os irmãos, serão os modelos que teremos registrado em nossa mente de como é um relacionamento. E quando encontramos alguém e escolhemos para ser nosso par, nosso companheiro esses modelos serão nossa bússola norteadora.

No que diz respeito ao casamento antes da modernidade e da globalização, Marum (2006); Giddens (2007); ARAÚJO, (*online*, 2009) e Jablonski, (1998, 2007) colocam que este era apenas um negócio. Na idade média as mulheres eram vistas como propriedades, primeiramente de seus pais, e depois de se casar, de seu marido. O amor e o sexo não eram elementos importantes para que duas pessoas se unissem em casamento. O casamento antes se sobrepunha ao amor e a sexualidade. O amor nem era citado e o sexo por prazer só era obtido com as prostitutas e cortesão. Pois, num relacionamento amoroso da Idade Média o sexo era encarado como meio de reprodução.

Giddens (2007) ainda acrescenta dizendo que havia uma desigualdade de gênero entre homens e mulheres muito grande. A mulher era tida como um bem de seus maridos, portanto, deveria servi-lo. Essa desigualdade era levada ao âmbito sexual e a mulher valorizada eram aquelas virgens, comportadas, fiéis e submissas. Enquanto que o homem se permitia socialmente, ter amantes para fins sexuais de prazer.

Quanto à cerimônia de casamento, ou seja, o culto religioso Marum (2006) aponta para o fato de este ter tido início na Roma Antiga, onde as mulheres se vestiam de noiva e os acessórios inerentes a esta ocasião são repletos de simbologias.

Marum (2006) ainda assinala para o fato de que também foram os romanos quem implantaram uma união civil. Onde o compromisso é legalizado e testemunhado.

A respeito da transição do casamento da Idade Média para a contemporaneidade Marum (2006); Giddens (2007); ARAÚJO, (*online*, 2009) e Jablonski, (1998, 2007) expuseram a mesma opinião. Eles colocam que o casamento como uma união de duas pessoas que se amam e querem ficar juntas, morando sobre o mesmo teto é comum nos nossos dias. Porém, como já fora citado acima nem sempre foi assim.

A idéia de casamento por amor e sendo o sexo erótico algo primordial para as relações é uma inovação no casamento que veio juntamente com a modernidade. Os autores se igualam nesses ideais, dizendo que o casamento, hoje, é visto como algo que traz prazer, onde as pessoas se amam e escolhem com quem ficar junto. Além disso, é uma união que tem o propósito de igualdade entre ambos e que privilegia a vida conjugal e não dá tanta importância ao fato de se unir para ter filhos. Além de que, a família de origem está mais distanciada da relação conjugal e cada vez mais o casal está conseguindo ter sua autonomia e formar sua família sem muitas influências das de origem. (ARIÈS, 1987; MACFARLANE, 1990 apud ARAÚJO, *online*, 2009; CARNEIRO. PONCIANO, MAGALHÃES, 2007).

Levy (2006) acrescenta uma outra modificação do casamento que foi o da obrigação de aceitar o que marido que fora escolhido, para a responsabilidade da escolha do mesmo.

Carneiro, Ponciano e Magalhães (2007) apontam outra alteração no casamento contemporâneo em relação ao da Idade Média quando dizem que este,

agora, apesar do sentimento amoroso e das promessas de amor eterno, o casamento passa a ter possibilidade de dissolução. Ou seja, é possível se separar/divorciar, o que antes não era permitido e muito menos aceito socialmente.

Ainda em relação a transição dos elementos e características do casamento Giddens (2007) coloca mais alguns apontamentos a esse respeito e isso deve ser ressaltado aqui. Essas mudanças, em relação ao casamento da Idade Média, tiveram início a partir do surgimento das relações amorosas informais. O casamento tornou-se uma “instituição-casca”, definida por ele como uma instituição que não exerce as funções a que são propostas. Ou seja, antes o casamento tinha propósito comercial e de reprodução da espécie e hoje em dia, qual a função do casamento? Para que casar; com que propósito as pessoas se casam; para que fim? Eis as colocações de Giddens (2007).

Giddens (2007) continua apontando mais duas mudanças significativas no casamento. Ele coloca que com a ascensão do amor e da sexualidade no relacionamento amoroso, o foco do casamento mudou. Não são mais negócios ou meio de ter filhos, o foco agora é o casal, ele é o centro e o fundamento da união. E a outra mudança assinalada pelo autor é a importância dada à comunicação e à intimidade emocional dentro dos relacionamentos contemporâneos.

Com relação ao amor incluído no casamento contemporâneo e sendo um dos principais elementos para que este ocorra os autores foram explicando, cada um a seu modo, o que pode vir a ser esse sentimento.

Jablonski (1998, 2007) coloca que muitos já tentaram definir o amor, mas que nenhum autor, filósofo ou poeta conseguiu explicar, chegar à essência do que é esse sentimento. Pois todas as definições descritas trazem consigo elementos ligados à idealização, força da cultura, novidade, complexidade, papel do sexo, efemeridade e diferenças do gênero, que nem sempre são vistas e vivenciadas de forma universal.

Talvez uma única definição para tal sentimento não possa ser encontrada pelo fato de o amor ser um sentimento complexo. Sendo este um sentimento, e sendo o sentimento vivido subjetivamente por cada indivíduo, cada qual que o sente irá defini-lo a seu modo.

Quanto aos tipos de amor descritos pelos autores foram encontradas algumas diferenciações. Vários autores expuseram várias definições diferentes a respeito das categorias/tipos de amor.

Podemos citar: o amor platônico, que associa o sentimento ao bom e ao belo. O amor cortês, que fazia culto ao sofrimento e a renúncia do amor carnal. O amor romântico que tem como elemento principal a identificação projetiva e as fantasias e também o amor paixão, fruto da modernidade, que tem na sexualidade sua principal fonte pulsional. (ARAÚJO, 2005).

Giddens (1993) categoriza o amor como sendo confluyente, ou seja, um amor mais “real” do que o amor romântico, que não se pauta pelas identificações projetivas e fantasias de completude. Este prevê igualdade na relação, nas trocas afetivas e no envolvimento emocional. É um amor ativo, ocasional, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” do amor romântico.

Jablonski (1998) aponta que o amor evolui de estágios, mais violentos para mais afáveis. O autor define dois tipos de amor, que é o amor-paixão e o amor-companheiro. O amor-paixão apresenta a idealização do outro, o gosto de servir (e ser servido), muito carinho, sentimento de responsabilidade, desejo de partilhar emoções e experiências, pensamentos invasivos (preocupar-se com a pessoa amada, lembrar seu sorriso, seus comentários, momentos especiais que sobrevêm à mente independentemente da vontade do indivíduo), intimidade, atração sexual, relativa falta de preocupação para com os preceitos sociais, veneração, felicidade, transição de humor, falta de apetite e difusa sensação de estar acima do bem e do mal. Já o amor-companheiro é mais afável e mais civilizado. O carinho, a amizade e o companheirismo se sobressaem. O príncipe encantado ou a princesa encantada do primeiro estágio do amor-paixão dá lugar a um (a) companheiro (a). Entretanto, nada impede que esses estágios de amor-paixão e amor-companheiro transitem durante o relacionamento.

Araújo (2005) diz que o amor é uma construção social. E cada tipo de amor é resultado de um dado momento histórico. E acrescenta dizendo que as mudanças na forma de amar é resultado das mudanças nos processos de subjetivação pelo qual nós passamos.

E ainda, por mais que sejam proibidos os amores sempre existiram. Amores transgressores, amores escondidos, amores marginais, amores condenados e muitas vezes assassinados (física ou subjetivamente). A saga do amor na vida do homem percorre os tempos. (LEVY, 2006).

Ainda a respeito do amor Levy (2006) diz que as pessoas acreditam que é preciso ou amar a si mesmo ou amar o outro, porém, afirma que é possível amar a si mesmo e ao outro, ao mesmo tempo.

Nesse sentido, Freud (1974) acrescenta a colocação de Levy (2006) quando diz que um egoísmo forte constitui proteção contra o adoecer, mas, em último recurso devemos começar a amar a fim de não adoecermos e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar. Ou seja, além de ser possível é preciso que o indivíduo cultive seu amor próprio e seu amor pelo outro para que não pereça.

O sexo também, durante muito tempo, fora negligenciado e excluído dessa relação matrimonial. Apenas na nossa sociedade contemporânea é que esses aspectos, amor e sexo foram incluídos no relacionamento conjugal.

Sexualidade segundo Foucault (1988 apud Araújo, 2005), é uma construção social que uni o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais. Ao longo da vida, a atividade sexual foi um componente de preocupação moral e, como tal, submetida a dispositivos de controle das práticas e comportamentos sexuais. Como esses dispositivos são construídos com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade, eles assumem configurações diferentes na medida em que a sociedade muda.

Jablonski (1998) reafirma a idéia apresentada por Foucault (1988 apud Araújo, 2005) quando aponta a diminuição da religiosidade, o advento de anticoncepcionais, o movimento de emancipação da mulher, os avanços tecnológicos e até o surgimento da psicanálise como principais dispositivos para que houvesse uma configuração diferente a esse respeito.

Sobre sexo no casamento Marum (2006) coloca que a atração sexual é um ingrediente importante para a escolha do parceiro. O vínculo amoroso, que é o que proporciona e alimenta uma relação entre homem e mulher, não vai depender de quantas vezes se tem relação sexual, mas sim da qualidade dessas relações. É nesse momento de intensa intimidade e cumplicidade que os cônjuges têm a oportunidade de reacender a vontade do casal de permanecer juntos, já que podem admirar-se mutuamente, mesmo nos momentos de crise.

Quanto ao papel do homem e da mulher dentro do casamento contemporâneo pode-se dizer que é unânime entre os autores o entendimento de que houve mudanças ocorridas nesse aspecto. Em especial as mudanças mais visíveis e mais

radicais foram no âmbito feminino. (JABLONSKI, 1998; JACKSON, 1957 apud MATTOS, 2006; HARRIS, 1984 apud JABLONSKI, 1998; ARAÚJO, *online*, 2009; OLIVEIRA, 1993 apud ARAÚJO, *online*, 2009).

Para Jablonski (1998); Harris (1984 apud Jablonski, 1998) e Giddens (2007) a emancipação feminina é uma das principais mudanças ocorridas no mundo moderno e também uma das maiores influências para que o casamento contemporâneo fosse diferente. Não nos esquecendo que a emancipação feminina, como aponta os autores foi decorrente de uma mudança no nível econômico do país, onde a mulher se viu tendo que sair do aconchego da sua casa para encarar o trabalho, em vista das condições financeiras domésticas serem escassas. Ou seja, a revolução industrial, o capitalismo, a globalização e as outras diversas mudanças pela qual o mundo passou, preparou um contexto que fez com que as mulheres entrassem no mercado de casa, para poder arcar com o consumo que está cada vez mais crescente e para ajudar na parte financeira da casa.

Esse avanço, se analisarmos, não trouxe muitas vantagens para as mulheres. Pois quanto mais as mulheres conquistam espaços mais papéis e funções são atribuídos a ela. A mulher que antes era dona de casa passou a ser profissional, mãe, filha, irmã, amiga, esposa e amante (no sentido sexual) e ainda dona de casa.

As pesquisas do IBGE mostram que a nossa geração tem presenciando e participando de uma mudança na sociedade. Pois um número maior de mulheres passou a ocupar o mercado de trabalho, em relação aos homens. Porém, o aumento da inserção no mercado de trabalho e na jornada do mesmo não modificou para menos o seu tempo dedicado aos afazeres domésticos.

Outro fator importante apontado pela pesquisa do IBGE aponta que a prevalência de homens que ajudam mais nos afazeres de casa são os homens mais escolarizados. E as mulheres mais escolarizadas, ao contrário deles, são as que menos ajudam.

Apesar de todas as mudanças citadas sobre a emancipação feminina e as relações de gênero mais igualitárias, algumas coisas ainda não mudaram na questão do gênero: o tempo que os afazeres domésticos ocupam na vida da mulher e do homem. Ainda são poucos os homens que ajudam nas tarefas de casa.

A esse respeito das diferenças de gênero Oliveira (1993 apud Araújo, *online*, 2009) diz que os valores são os principais motivadores da diferença de gênero. Os valores femininos dão ênfase à emoção, ao sentimento. Já os valores masculinos

dão ênfase aos aspectos racional. É como óleo e água, essências diferentes e não se misturam.

A respeito do papel masculino nas relações contemporâneas de casamento Brasileiro; Jablonski e Carneiro (*online*, 2009) colocam que historicamente, a mulher teve predominância nos estudos. Com isso a vivência do masculino e o que determina seus papéis e funções dentro dessa nova sociedade e, conseqüentemente, desse novo casamento fora negligenciado por muito tempo.

Devido a esse processo histórico de predominância nos estudos voltados à mulher os estudos recentes vêm lançando novos questionamentos e exigências sobre o lugar e o papel do homem, abrindo espaços para novas formas de expressão do masculino. (BRASILEIRO; JABLONSKI e CARNEIRO, *online*, 2009).

Wang, Jablonski e Magalhães (*online*, 2009) colocam que é interessante pensar, antes de qualquer coisa, em como é construída a mente do homem, ou seja, qual processo de socialização o menino passa para ser transformado em um homem. Este processo conta com a participação ativa de todos que direta ou indiretamente sejam responsáveis pela exposição dos ideais culturais da sociedade em que esse masculino está inserido. E como aponta os autores, esses ideais passados durante a vida levam o homem à uma estagnação do seu desenvolvimento e mudanças. Pois se sabe que ainda quando pequenos, as maiorias dos valores passados aos meninos são os mesmo de décadas atrás. Portanto, já não contemplam a contemporaneidade.

Quanto ao “novo” homem, em seus estudos sobre a masculinidade, Nolasco (1993, 1995, 2001 apud Negreiros; Carneiro, *online*, 2009) refere-se a isso dizendo que há uma banalização das representações sociais masculinas. Essas representações teriam passado a ocupar o lugar de “inimigo”, impedindo a lógica do esclarecimento. Como alternativas para este impasse, o autor ressalta a desconstrução da virilidade truculenta - interpretada como possível dúvida sobre a identidade sexual do homem, comprometido em provar e prover - e a construção da paternidade.

Ou seja, os autores, em geral, concordam com o fato de que as mudanças no âmbito masculino estão acontecendo, porém de forma mais lenta.

Quanto a isso Barasch e Diehl (1997, 2002 apud Wang, Jablonski e Magalhães, *online*, 2009) aponta para o fato de a nova mulher estar causando nos homens dúvidas, ou seja, eles ainda não sabem qual a melhor forma de se atualizar.

Araújo (*online*, 2009) recapitula e resume estes aspectos de gênero quando diz que a grande conquista do projeto feminista foi que a partir deste, pôde-se promover mudanças nas relações de gênero, na medida em que as mulheres puderam se libertar dos velhos estereótipos e construir novas formas de agir, se relacionar e se comportar. Essa mesma possibilidade de mudança de estereótipo cabe aos homens, pois esses estão se permitindo ser menos machistas, ou seja, ambos podem ser sensíveis, objetivos, fortes, inseguros, dependentes, independentes, com liberdade e autonomia. O que não era possível quando as categorizações correspondentes ao gênero eram mais limitadas. Acima de tudo gênero é uma construção social e essa reconstrução a respeito do gênero feminino fez com que a reconstrução do gênero masculino fosse se concretizando até chegarmos aos dias de hoje.

Por fim, os autores descrevem, que apesar das mudanças ocorridas e das transformações que essas ocasionaram no casamento contemporâneo e, conseqüentemente, nas relações conjugais e amorosas é possível viver essa relação de forma saudável e estruturada. O que se faz preciso é que as mudanças nas formas de se relacionar, viver e pensar uma relação conjugal também ocorram e acompanhem as transformações que a modernidade trouxe consigo.

Jackson (1957 apud Mattos, 2006), coloca que para que a relação, apesar das diferenças de gênero, seja saudável é preciso manter um processo ativo de pesquisa e definição de tarefas relacionais por meio da negociação do conviver conjugal. A definição dos papéis de cada um e das regras da relação é um processo construído pelos dois ao longo do tempo, ou seja, regras e papéis mutáveis.

Black (2002); Levy (2006); Rechulski (2006) e Vitale (2006) determinam outro aspecto que influencia o casamento contemporâneo. Os computadores pessoais, o correio eletrônico, a internet, os telefones celulares, as secretárias eletrônicas, o identificador de chamadas, os aparelhos de fax, as televisões com 160 canais – todas essas e muitas outras modernidade têm dado aos casais novas formas de se comunicar. Essas tecnologias propiciam novas formas e o alargamento de trocas afetivas que ultrapassam os limites locais. Ao mesmo tempo em que a tecnologia tem trazido coisas boas para o mundo e para o relacionamento, os avanços tecnológicos também estão penetrando na vida dos casais a uma velocidade superior à nossa capacidade em medir o impacto que elas causam nos relacionamentos. Ou seja, estas inovações tecnológicas podem ser um empecilho numa relação, pois o mesmo pode dividir ou separar o casal.

Quanto às mudanças ocorridas na vida conjugal, seus desafios e demandas que a contemporaneidade traz, Mattos (2006) fala que foram tantas transformações que acometeram a instituição casamento que até parece que este não resistirá e acabará por se extinguir. No entanto, ele sempre se transforma, cria novas configurações, como que para atender as necessidades humanas e as dos novos tempos, e ainda continua ocupando os primeiros lugares nas listas de realizações pessoais.

Segundo Araújo (1993;1999 apud Araújo, *online*, 2009) o processo de “democratização das relações pessoais” pelo qual o mundo passou e que fora apresentado até o momento, afeta fortemente as representações e vivências do casamento contemporâneo. No contexto brasileiro, especialmente entre as classes médias urbanas mais intelectualizadas, o casamento tradicional regido pela ascendência masculina vem dando lugar à outra forma de casamento, onde a mulher reivindica igualdade e há uma constante negociação no relacionamento. Nesse novo tipo de casamento, a intimidade tende a se reorganizar e se estruturar tendo como base os novos valores, entre os quais amizade e companheirismo se colocam como fundamentais.

Giddens (1993) diz que a intimidade é acima de tudo uma questão de comunicação pessoal, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal. Nesse panorama, as mulheres tiveram uma função de revolucionárias emocionais da modernidade e prepararam o caminho para ampliação da intimidade.

Araújo (*online*, 2009) acrescenta dizendo que concorda com Giddens (1993) quando este diz que as mulheres foram agentes dessas mudanças, mas vale lembrar que elas não fizeram isto sozinhas. A constituição das relações amorosas e sexuais mais democráticas e igualitárias dentro ou fora do casamento é uma conquista de homens e mulheres. Pois estes permitiram, assim como a sociedade, que essas mudanças ocorressem.

O casamento formal, heterossexual que possui a finalidade de constituir família, permanece como referência e valor importante. Porém existem outras formas de relacionamento conjugal como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos ou sem co-habitação, e também as uniões homossexuais. Neste processo de modificação da intimidade, dos valores e das idéias, a tendência da

sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas (ARAÚJO, *online*, 2009).

Polity (2006) aponta sua visão a respeito das mudanças na vida conjugal e acrescenta a revisão ao dizer que muitos se casam sem muito conhecimento sobre si (emocional, cognitivo, etc.), assim como não tem conhecimento do companheiro. E é na convivência que as diferenças são encontradas.

E mais, Polity (2006) e Marum (2006) colocam que o cônjuge, assim como os filhos, não vem com manual de instrução, e isso demanda uma dose de paciência, tolerância e capacidade de escuta.

Num mundo de transformações muitas rápidas, decorrente deste mundo globalizado, além dos desafios inter-relacionais, restam os desafios sociais e culturais, traduzidos pelo constante apelo em se contrair bens de consumo, status, ampliar o poder de aquisição, se enquadrar em padrões físicos e outros tantos moldes que nos sentimos obrigados a corresponder. Desse modo, passamos a ter que dar conta das inúmeras expectativas que temos e das que impuseram sobre nós, inclusive a expectativa de fazer com que o casamento dê certo (POLITY, 2006).

Marum (2006) diz que em nosso contexto contemporâneo, a convivência com o outro exige que os parceiros sejam indivíduos autônomos. Ou seja, cada parceiro nessa relação possui direitos e deveres iguais. A autonomia que o autor coloca se refere aquela autonomia em que supõe-se que o indivíduo saiba usufruir a liberdade com responsabilidade.

Marum (2006) compara o casamento com a “dança”. Ele diz que assim como tal, o relacionamento entre duas pessoas necessita de muitas habilidades do par conjugal. Os movimentos precisam ser delicados, exigem cuidado com o parceiro e muita atenção, concentração, sincronia, ritmo e compasso. No vínculo amoroso, a dança mostra a possibilidade de interação e equilíbrio entre autonomia e fusão, individualidade e pertencimento.

Outro fator que deve ser ressaltado é o tempo. Fraenkel e Wilson (2002) apontam que este é um dos mais poderosos fatores que influenciam na qualidade e na organização diária dos casais. Questões relacionadas à diferença de ritmos, rotinas que não permitem que o casal se encontre, preferências diferentes em relação à quantidade de tempo que desejam passar juntos ou separados, enfim, esses e outros aspectos relacionados ao tempo pode ser um fator de risco para os casais, logo, algo que também precisa ser revisto. Além de que essa

desorganização do tempo também pode influenciar a quantidade e qualidade de tempo que os parceiros ficam juntos. E se ficam pouco tempo juntos a manutenção da intimidade e o estreitamento dos laços ficará prejudicada.

Rechulski (2006); Maturana (2004 apud Rechulski, 2006) e Walsh (2002) apontam para o fato de que as demandas negativas da vida cotidiana possam destruir um casamento então se torna essencial que o casal converse. Porém, para conversar é preciso dar lugar ao outro, ou seja, ouvir o outro. Conversar implica falar, mas também escutar. É nos espaços de conversa que nos reconhecemos e legitimamos o outro. O ser humano surgiu da conversação. Mattos (2006) acrescenta dizendo que durante a convivência e a conversação, o outro se revela como alguém que se encaixa, corresponde, completa e atrai. Ou seja, é através da conversa que um homem e uma mulher poderão perceber as suas afinidades.

Montoro (2006) ressalta a importância da comunicação para o entendimento da intimidade. A intimidade não depende apenas de os cônjuges terem fácil acesso um ao outro. Em muitas relações conjugais pode haver uma percepção subjetiva de intimidade e proximidade mesmo com a distância e o tempo, enquanto em outras, os cônjuges podem sentir-se assolados por sentimentos de solidão e vazio afetivo, mesmo morando sob o mesmo teto e vendo TV juntos aos domingos. Ou seja, a intimidade e proximidade pode ser entendida de forma subjetiva por cada pessoa e este é um aspecto que também precisa ser conversado para que cada um saiba do outro o que ele quer e entende por carinho e intimidade.

Walsh (2002) define os casais como funcionais ou disfuncionais e coloca que o fracasso ou o sucesso de um casamento dependem do funcionamento, ou não, das regras de colaboração que devem ser expressas por cada casal em consideração às inevitáveis diferenças e semelhanças entre os parceiros. Em uma relação de casal, os dois devem poder colaborar em um grande número de tarefas: ganhar dinheiro, cuidar da casa, levar uma vida social, ter relações sexuais e ser pais, presumidamente, por um longo período de tempo. E para que as regras de colaboração seja elaboradas a comunicação se faz de crucial importância. O que vem a realçar o que Rechulski (2006); Maturana (2004 apud Rechulski, 2006) e Montoro (2006) disseram sobre a importância da comunicação, do conversar, do dialogar.

Goldner (1988 apud Walsh, 2002) e Beavers (1986 apud Walsh, 2002) apontam para o fato de que o equilíbrio de poder entre marido e mulher ser um tema

fundamental na organização do sistema conjugal. Os casais bem sucedidos são aqueles que conseguem manter uma complementaridade diante das obrigações e, ao mesmo tempo, um sentido de igualdade e de liderança partilhada.

Walsh (2002) aponta quesitos importantes para o bom funcionamento de um casal. Estes quesitos são a adaptabilidade, a concordância/harmonia/coesão e as expressões das emoções de ambas as partes.

Num estudo feito por Norgren; Souza; Kaslow; Hammerschmidt e Sharlin (2004) são apontados motivos dados pelos cônjuges para permanecerem juntos foram: acreditarem que o casamento é parceria para a vida toda, sentirem-se responsáveis um pelo outro e por haver amor.

O casamento hoje em dia, diz Mattos (2006), não precisa ser um cárcere, como já o foi considerado um dia. Casar e separar pode ser uma escolha.

Walsh (2002) finaliza esta discussão ao dizer que a grande diferença dos casais que dão certo e os que não dão certo não é a presença ou ausência de problemas, mas sua capacidade de enfrentar e resolver as dificuldades que surgem no caminho da vida do casal. E para que os problemas sejam resolvidos e superados é preciso que o casal tenha os requisitos já citados anteriormente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esse estudo de revisão da literatura tive a oportunidade de rever conceitos relacionados ao casamento e ainda, tive a chance de aprender novos elementos e conceitos a respeito do assunto.

Como vimos o casamento não surgiu do nada, ele surgiu da necessidade inerente ao ser humano de compartilhar espaços e conviver com pessoas.

Nessa pesquisa pode ser entendido, que a instituição casamento algumas vezes chega ao ponto em que acreditavam que este iria, ou seja, se desfazer e ser escasso. Porém, o ser humano continua tentando não deixar que isso aconteça. Esse fato revela a capacidade humana de se criar em momentos de crise.

Apesar do grande número de divórcios e separações, a maioria das pesquisas demonstra que mesmo que já tenham vínculos desfeitos as pessoas procuram outro companheiro. O que faz com que isso ocorra? O que faz com que as pessoas mesmo amarguradas, feridas e marcadas por um relacionamento mal sucedido ou desfeito continue procurando por um companheiro, uma pessoa para quem possa dar seu amor, e se tudo der certo, desta receber o mesmo?

Como vimos no trabalho, às pessoas passaram por tantas transformações pessoais, principalmente as mulheres, em relação à ascensão profissional e conquista de espaços, de vez e voz em muitos lugares. Isso me leva a pensar que as mulheres ainda irão mais longe, pois são trabalhadoras profissionais, donas de casa, esposas, amantes, mães, filhas, irmãs, conselheiras, amigas, enfim, a mulher hoje em dia assume tantos papéis.

Compartilho a idéia dos autores que aqui disseram, em relação aos papéis do homem, que estes ainda estão confusos. Porém, aos poucos o homem está se tornando mais sensível e cooperativo para com a mulher e para a relação conjugal.

Desse trabalho feito posso concluir que independentemente da forma como os casais vivem, se casaram no civil, no religioso, se estão só morando juntos, não importa, o que importa é que, optaram por dividir sua vida e dedicar seu tempo, amor e atenção para outrem.

E o que mais me deixou esperançosa como pessoa e como futura profissional, foi o fato de que viver junto, unir vidas e sonhos pode ser uma tarefa muito fácil e prazerosa se levarmos em consideração os aspectos citados pelos autores como sendo bússolas norteadoras para se ter uma união saudável e bem sucedida.

REFERÊNCIAS

ANTON, I.L.C. O casamento. In: ANTON, I.L.C. **A escolha do Cônjuge**: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre : Artmed, 2000, p. 29-33.

ARAÚJO, M.F. **Amor, casamento e sexualidade**: velhas e novas configurações. Revista Psicologia Ciência e Profissão. v 22, n2, Brasília, jun/2002. Disponível em:<www.pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php> Acesso em 19 de maio de 2009.

ARAÚJO, M.F. A difícil arte da convivência conjugal: a dialética do amor e da violência. In: CARNEIRO, T.F. (Org.) **Família e Casal**: Efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro : PUC – Rio, 2005, p.278-293.

ARAÚJO, M.F. **Diferença e Igualdade nas relações de gênero**. Revista Psicologia Clínica. v 17, n2, Rio de Janeiro,2005, p.41-52. Disponível em: <www.scielo.com.br> Acesso em 19 de maio de 2009.

ARIÈS, P. O amor no casamento. In: Ariès, P.; BÉJIN, A. (Orgs) **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo : Brasiliense, 1987, p. 153-162.

BLACK, E.I. O novo Triângulo: os casais e a tecnologia. In: Papp, P. (Org.) **Casais em perigo**: novas diretrizes para terapeutas. Trad. Daniel Angel Etcheverry Burguño. Porto Alegre : Artmed, 2002, p. 61-75.

BRASILEIRO, R.F.; JABLONSKI, B.; CARNEIRO, T.F. Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização.**Revista PSICO**.Jul-dez, 2002. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico>>. Acesso em: 29 de maio de 2009.

CARNEIRO, T.F.; PONCIANO, E.L.T.; MAGALHÃES, A.S. Família e Casal: da tradição à modernidade. In: CERVENY, C.M.O. **Família em movimento**. São Paulo : Casa do Psicólogo, 2007, p.23-36.

FRAENKEL, P.; WILSON, S. Relógios, Calendários e Casais: o tempo e o ritmo dos relacionamentos. In: Papp, P. (Org.) **Casais em perigo**: novas diretrizes para terapeutas. Trad. Daniel Angel Etcheverry Burguño. Porto Alegre : Artmed, 2002, p.78-117.

FREUD, S. Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro : Imago, 1974.v.14.

GIDDENS, A. A transformação da Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo : UNESP, 1993.

GIDDENS, A. Globalização. In: GIDDENS, A. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 6º ed. Rio de Janeiro : Record, 2007, p.17-31.

GIDDENS, A. Família. In: GIDDENS, A. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 6º ed. Rio de Janeiro : Record, 2007.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) **Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2001 à 2005**. Publicado em 17 de agosto de 2007. Disponível em: <
http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=954> Acesso em 22 de maio de 2009.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) **De 2003 à 2008 – Mercado de trabalho**. Disponível em: <
http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1307&id_pagina=1> Acesso em 22 de maio de 2009.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. 2ºed. Rio de Janeiro : Agir, 1998.

JABLONSKI, B. Paternidade hoje: uma metanálise. In: SILVEIRA, P. (Org). **Exercícios de Paternidade**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1998, p.121-129.

JABLONSKI, B. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflituosa divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: CARNEIRO, T.F. (Org) **Família e Casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo : Casa do Psicólogo, 2007, p.203-228.

LEVY, L. Quando o amor não pode ser compartilhado... Quando ele deve ser apenas sussurrado: amor, preconceito e “famídiã”. In: COLOMBO, S.F. (Org.) **Gritos e Sussurros Intersecções e Ressonâncias: Trabalhando com casais**. 1º ed. v.I. São Paulo : Vetor, 2006, p. 65-94.

MARUM, D. Vivendo entre laços conjugais. In: COLOMBO, S.F. (Org.) **Gritos e Sussurros Intersecções e Ressonâncias**: Trabalhando com casais. 1º ed. v.I. São Paulo : Vetor, 2006, p. 171-188.

MATTOS, E.B. Crise conjugal: furtando-se a olhar mais de perto. . In: COLOMBO, S.F. (Org.) **Gritos e Sussurros Intersecções e Ressonâncias**: Trabalhando com casais. 1º ed. v.II. São Paulo : Vetor, 2006, p. 71-86.

MONTORO, G.C.F. A regulação da intimidade conjugal. . In: COLOMBO, S.F. (Org.) **Gritos e Sussurros Intersecções e Ressonâncias**: Trabalhando com casais. 1º ed. v.II. São Paulo : Vetor, 2006, p. 107-142.

NEGREIROS, T.C.G.M.; CARNEIRO, T.F. Masculino e Feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, ano 4, n 1, 2004. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/>> Acesso em: 31 de maio de 2009.

NORGREN, M.B.P.; SOUZA, R.M.; KASLOW, F. et al Satisfação Conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Revista Estudos de Psicologia** (Natal). v 9, n3, Natal, Dez/2004, p.575- 584. Disponível em: <www.scielo.com.br> Acesso em: 19 de maio de 2009.

POLITY, E. Práticas discursivas no atendimento de casal: um convite à mudança de sentido. In: COLOMBO, S.F. (Org.) **Gritos e Sussurros Intersecções e Ressonâncias**: Trabalhando com casais. 1º ed. v.I. São Paulo : Vetor, 2006, p. 95-134.

RECHULSKI, J. Casamentos em Transição. In: COLOMBO, S.F. (Org.) **Gritos e Sussurros Intersecções e Ressonâncias**: Trabalhando com casais. 1º ed. v.II. São Paulo : Vetor, 2006, p. 63-69.

VITALE, M.A.F. Novas tecnologias e a vida amorosa do casal. In: COLOMBO, S.F. (Org.) **Gritos e Sussurros Intersecções e Ressonâncias**: Trabalhando com casais. 1º ed. v.I. São Paulo : Vetor, 2006, p. 197-206.

WALSH, F. Casais Saudáveis e Casais Disfuncionais: Qual a Diferença? In: ANDOLFI, M. (Org.) **A Crise do Casal**: uma perspectiva sistêmico-relacional. Trad. Lauro Kahl e Giovanni Menegoz. Porto Alegre : Artmed, 2002, p. 13-28.

WANG, M.L.; JABLONSKI, B. MAGALHÃES, A.S. Identidade Masculina: limites e possibilidades. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. (PUC - Rio). **Psicologia em Revista**. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvs->

psi.org.br/scielo.php/script_sci_serial/pid_1677-1168/lng_pt/nrm_iso> Acesso em: 26 de maio de 2009.